**OFICINAS DE APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA E PORTUGÊS PARA SURDOS UPF / APAS**[[1]](#footnote-1)

***Autores:***

*Angélica Duarte Lorenço (*[*120707@upf.br*](mailto:120707@upf.br)*)[[2]](#footnote-2)*

*Gisele Benck de Moraes (*[*gbenck@upf.br*](mailto:gbenck@upf.br)*)[[3]](#footnote-3)*

*Mariane Kneipp Giareta (*[*mariane@upf.br*](mailto:mariane@upf.br)*)[[4]](#footnote-4)*

*Taciana Dóro (*[*4336@upf.br*](mailto:4336@upf.br)*)[[5]](#footnote-5)*

**Resumo**

O estudo apresenta alguns resultados coletados nas oficinas de aprendizagem matemática e de português de surdos, oferecidas pelo projeto de extensão *Integração da Universidade com a Educação Básica*, em parceria com a Associação dos Pais e Amigos dos Surdos (APAS) de Passo Fundo. Esse projeto tem por objetivo oferecer apoio pedagógico e metodológico por meio de oficinas de aprendizagem para professores, adolescentes e jovens, deficientes ou não, visando a potencializar a relação de ensino e de aprendizagem, tendo em vista o aperfeiçoamento das práticas educacionais, a integração e o progresso social. As oficinas são ministradas semanalmente na sede da APAS por acadêmicos e professores da UPF com o auxílio de um intérprete de Libras. O acompanhamento dos trabalhos permite a constatação de que, para que a aprendizagem realmente tenha sentido para os alunos surdos, é necessário que o objeto de aprendizagem faça sentido, por isso é preciso trabalhar com significados concretos e imagens que façam parte da vida deles e da cultura surda. Este trabalho fundamenta-se no Curso de Linguística Geral (1995) e também na formação de conceitos a partir do manuseio de materiais manipuláveis para a aprendizagem de matemática. A interação entre diferentes linguagens faz com que os alunos se sintam incluídos na sociedade ouvinte com autonomia para poder exercer seus direitos como cidadãos.

**Abstract**

The study presents some results collected from the  workshops of Deaf  people learning   
mathematics and Portuguese , performed by the Extension Integration Project of the   
University  with the  Basic Education in partnership with the Association of Parents and   
Friends of the Deaf ( APAS ) from Passo Fundo. This project aims to provide pedagogical   
and methodological support by means of learning workshops for teachers , teens and youth   
, disabled or not, aiming  at intensifying the relationship of teaching and learning ,   
with a view to improvement of educational practices , integration and social progress .   
The workshops are held weekly at the headquarters of APAS by UPF scholars and teachers   
with the  aid of a BraZilian sign language (LIBRAS)  interpreter . We have note that ,   
for learning to really make sense for deaf students , it is necessary that the learning   
object makes sense, so we have to work with concrete meanings and images that are part of   
their lives and deaf culture. This work is based on the General Linguistics Course (1995)   
and also in the formation of concepts from handling manipulative material for learning   
math. The interaction between different  languages makes students feel included in the   
hearing society with autonomy to exercise their rights as citizens.

**Introdução**

A Universidade de Passo Fundo tem como missão produzir e difundir conhecimentos que promovam a melhoria da qualidade de vida e formar cidadãos competentes, com postura crítica, ética e humanista, preparados para atuar como agentes transformadores.

De acordo com o Plano de Desenvolvimento Institucional da Instituição, no que se refere à responsabilidade social, a UPF destaca que a ação acadêmica deverá estar comprometida com a melhoria direta das condições de vida da sociedade, promovendo, incessantemente, a dignidade humana e a erradicação de toda forma de discriminação, de dominação e de desrespeito à vida humana e natural.

Nesse sentido, a extensão se efetiva por meio de ações educativas, sociais e culturais, desenvolvidas por professores e alunos, interagindo diretamente com as comunidades. Essa interação direta constitui uma via de mão dupla para a difusão do conhecimento e para a interação com as realidades e experiências da comunidade, resultando em alternativas que contribuem para a melhoria da qualidade de vida da população e também subsidiando o fazer acadêmico na sua dinâmica de responder às demandas da sociedade, consolidando, assim, o comprometimento da UPF com o desenvolvimento sustentável.

Assim, o projeto de extensão *Integração da Universidade com a Educação Básica*, implantado no segundo semestre de 2000, vem sendo desenvolvido por professores e acadêmicos do curso de Matemática do Instituto de Ciências Exatas e Geociências da Universidade de Passo Fundo em escolas dos municípios de Passo Fundo e de Carazinho. Nos anos de 2003 e 2004, os cursos de Física e de Química, também do ICEG, integraram-se ao projeto. A partir de 2006, vem se adequando as políticas nacionais de assistência social para cumprir com as obrigações legais exigidas às instituições de ensino superior de caráter filantrópico, dentre as quais a UPF está inserida. Desde o ano de 2008, foi estabelecida parceria também com a Associação de Pais e Amigos Surdos, a partir das oficinas de matemática e, no ano de 2013, as ações na Apas foram ampliadas, com as oficinas de língua portuguesa e de Libras.

Dessa forma, as oficinas de matemática e língua portuguesa fomentam, por meio de atividades lúdicas e com o auxílio de uma intérprete de Libras, o desenvolvimento da autonomia, da integração e da participação efetiva dos surdos na sociedade, de modo que possam interagir tanto com outras pessoas surdas como com ouvintes. Nas atividades socioeducativas, em oficinas de aprendizagem, fez-se uso de metodologias que explorassem mais os aspectos visuais, diversos materiais de contagem, estruturados ou não, jogos, bem como visitas guiadas na Universidade.

Portanto, o presente artigo busca apresentar um relato de experiências das atividades realizadas nas Oficinas de Matemática e de Língua Portuguesa e, também, algumas percepções colhidas ao longo deste trabalho com um grupo de seis adolescentes e jovens surdos participantes da Apas e estudantes da classe especial da Escola Estadual Joaquim Fagundes dos Reis de Passo Fundo.

1. **Sobre o Projeto**

A Constituição Federal do Brasil de 1988, em seu Art. 205, estabelece que a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A Resolução CNE/CEB nº 2/01 – Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica –, determina que os sistemas de ensino devem constituir e fazer funcionar um setor responsável pela educação especial, dotado de recursos humanos, materiais e financeiros que viabilizem e deem sustentação ao processo de construção da educação inclusiva, devendo prever e prover na organização de suas classes professores das classes comuns e da educação especial capacitados e especializados, para o atendimento às necessidades educacionais dos alunos, fazendo com que as classes comuns que possuem alunos portadores de necessidades educativas especiais se beneficiem das diferenças e ampliem positivamente as experiências de todos os alunos, dentro do princípio de educar para a diversidade, dando prioridade ao financiamento de projetos institucionais que envolvam ações de integração. A Lei nº 8069/90 - Estatuto da Criança e do Adolescente - Educação Especial, também garante o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino assegurando-lhes igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.

A Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, de janeiro de 2008, estabelece que a Educação Especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis (Educação Básica e Superior) e realiza o atendimento educacional especializado. Esse atendimento é complementar e/ou suplementar ao ensino regular. Portanto, os alunos devem estar matriculados no ensino regular e receber atendimento educacional especializado de acordo com suas necessidades específicas.

A Apas é uma entidade filantrópica fundada em junho de 1991 por um grupo de pais e amigos de surdos preocupados com o futuro de seus filhos e que vem trabalhando na luta pelos diretos dos surdos de Passo Fundo e região. Essa associação tem como fins estatutários o apoio à educação, a orientação e inclusão no mercado de trabalho, a integração social dos surdos, e participa ativa e constantemente na luta para construção de política pública voltada para pessoas com deficiência. Atualmente, oferece suporte pedagógico a mais de 150 jovens e adultos.

De acordo com a justificativa apresentada no evento *II Seminário para inclusão social dos surdos,* ocorrido em Passo Fundo, em 2010 (disponível no blog <http://apaspassofundo.blogspot.com.br/>) a comunidade surda é uma minoria linguística, o que acarreta dificuldade de comunicação, uma vez que a sociedade não está preparada para discutir temas abstratos com esses sujeitos. Dessa forma, mesmo nos dias atuais, os surdos enfrentam defasagem de informação, seja porque a família não se preparou para auxiliá-lo, seja porque a escola não deu conta da construção do conhecimento por essa comunidade, seja porque as políticas públicas foram ineficientes para suprir as falhas acarretadas pela comunicação inadequada.

Merece destaque, ainda, nesse contexto, o fato de que, diante dessas dificuldades, a inclusão dos surdos no mercado de trabalho torna-se difícil. Hoje, por força da lei, estão sendo contratados pelas empresas, porém, o estado de exclusão, na maioria dos casos, se perpetua. Continuam solitários, executando funções pouco qualificadas e mesmo os surdos que se qualificaram não têm salário e função condizentes com suas capacidades.

Um grande número de surdos apresenta inúmeros problemas com relação ao universo profissional, tais como deficiência na sua formação profissional; problemas de comunicação por falta de um tradutor intérprete em reuniões e treinamentos realizados pelas empresas; reduzido tempo de permanência no emprego devido à ausência de informações sobre seus direitos e deveres no local de trabalho; falta de informação por parte dos empresários, que se preocupam apenas com o cumprimento da lei a respeito do mercado de trabalho para as pessoas com deficiência. Assim, o sujeito surdo continua sendo prejudicado em virtude do preconceito ainda existente na sociedade e no trabalho.

Os surdos, por suas características próprias, necessitam de uma formação profissional adequada para que possam compreender melhor o que se passa em seu dia a dia de trabalho, para que tenham ciência de seus direitos e deveres e para que possam desempenhar sua função de forma satisfatória, permanecendo, assim, por mais tempo no emprego. Para que isso aconteça, precisa de um tradutor intérprete que lhe acompanhe durante cursos de formação profissional, entrevistas, reuniões, treinamentos oferecidos pelas empresas. Há, dessa forma, que se sensibilizar as empresas para que seus funcionários possam aprender Libras com objetivo de melhorar a comunicação entre a empresa e o funcionário surdo, bem como que se oferecer palestras sobre surdez para os empregadores. Faz-se necessário, ainda, divulgar as ações realizadas pela comunidade surda (Associação dos Surdos e Associação de Pais e Amigos dos Surdos) para que as pessoas se aproximem mais desses indivíduos; bem como procurar parcerias junto às empresas e universidades para a realização de trabalho com os adolescentes, mostrando o dia a dia de uma empresa, as atividades, responsabilidade no cumprimento de horários, o respeito às normas da empresa e outras informações sobre o seu trabalho.

Nesse sentido, a Universidade de Passo Fundo, por interédio do referido projeto, é parceira da Escola Estadual Joaquim Fagundes dos Reis e da Apas, ao promover ações nas áreas de Matemática e de Linguagem, por meio de oficinas de aprendizagem com o intuito de minimizar as lacunas de aprendizagem e contribuir com a melhoria da aquisição de conhecimentos por parte dos alunos surdos, bem como o desenvolvimento da autonomia e sua participação efetiva na sociedade, por meio de metodologias voltadas às necessidades deste público alvo.

Os alunos participantes do projeto são estudantes da Escola Estadual Joaquim Fagundes dos Reis. Nessa escola, nos anos iniciais, há uma classe especial, com uma professora especializada em Libras que alfabetiza as crianças surdas na Língua de Sinais, na Língua Portuguesa e nos conceitos de Matemática. No quinto ano, as crianças surdas são integradas à classe regular, na qual acompanharão os trabalhos da turma. É nesse momento que se encontra a maior dificuldade, pois os alunos surdos possuem um tempo mais lento, exigem metodologias diferenciadas dos demais, pois são mais visuais e precisam dominar as duas línguas naturais: Portuguesa e Libras, além de acompanhar o raciocínio exigido do campo da matemática.

Alves e Guareschi (2011) destacam que a escola, como palco responsável pelo processo ensino-aprendizagem, constitui-se em uma ferramenta que possibilitará a adoção de um jeito diferente de pensar o aluno que tem dificuldades ou que supostamente não aprende. Ainda, segundo as autoras, esse aluno deve ser entendido como um sujeito que estrutura o conhecimento a partir do tempo que lhe é particular, alicerçado nas diferenças e singularidades do cenário escolar.

Em se tratando da realidade das escolas públicas brasileiras, nos dias atuais, entendemos que inclusão na rede regular de ensino ainda não está conseguindo atender, de maneira satisfatória, as diferenças e suas necessidades.

[...] do ponto de vista pedagógico, a escola tem como tarefa reconhecer às diversas dificuldades de seus alunos, acomodando-se aos diferentes estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade para todos mediante currículos apropriados, adequadas estruturas organizacionais, estratégias de ensino condizentes com o potencial dos alunos, profissionais preparados para atender às diversidades que se fazem presentes e abertura para o estabelecimento de parcerias com as comunidades e entidades (MÜHL , 2006, p.8-9).

Na perspectiva da educação inclusiva, a aprendizagem é entendida como uma construção realizada pelo aluno, “é pensar na possibilidade de conviver com a surpresa, com o inusitado expresso em cada gesto, cada olhar que o aluno nos dirige; é poder ver cada aluno na forma particular em que ele se apresenta no mundo da escola” (ALVES & GUARESCHI, 2011, p.95).

A seguir, trataremos mais especificamente das oficinas de Matemática e de Língua Portuguesa.

1. **Oficinas de matemática**

Em sintonia com esse pensamento, o projeto, por meio das oficinas de matemática para crianças surdas, tem contribuído para minimizar a lacuna existente entre a classe especial e o ensino regular, no que se refere aos conhecimentos da matemática, pois, embora esses estudantes estejam na terceira série dos anos iniciais na escola regular, ainda não estão plenamente alfabetizados nem em matemática, nem na língua portuguesa. As crianças apresentam dificuldades na interpretação das atividades, necessitando de constante explicação da intérprete nas atividades, ficando na dependência do tutor.

No ano de 2013, o projeto iniciou suas atividades com um grupo de seis alunos surdos, cuja faixa etária variava de 14 a 40 anos, todos cursando a quarta série do ensino fundamental em turmas de surdos. Ainda, muitos deles haviam participado das oficinas de matemática em anos anteriores.

As atividades da oficina de matemática ocorreram quinzenalmente, no turno inverso da escola regular, na sede da Apas, com duração de três horas e meia cada.

Estudos mostram que a diferença na percepção de mundo para os alunos surdos perpassa, também, uma interface relativa à experiência visual. Casarim (2011, p.214) destaca, sobre isso, que “o contato com o mundo, para os surdos, se constrói a partir do canal viso-manual e não através da oralização”.

A proposta metodológica das oficinas de matemática foi construir e reconstruir conceitos elementares de matemática de forma lúdica, utilizando-se, para tal, recursos visuais e que agregassem significado à vivência de cada um. Assim, a metodologia das oficinas de matemática vem sendo construída com base em estudos realizados na teoria histórico-cultural de Vygotsky (1994) e também na formação de conceitos de Vergnaud (apud PAIS, 2011).

Segundo Damazio e Rosa (1994), a teoria histórico-cultural, apresentada por Vygotsky (1994) desde a segunda década do século XX, traz um novo objetivo para a psicologia: a atividade humana, definida como mediadora da relação entre homem e a realidade a transformar.

Vygotsky (1994) percebe o homem como um sujeito histórico-social que se desenvolve enquanto ser não alienado a partir das constantes trocas que faz em seu meio social. Ele considera o homem em suas relações inter e intrapsíquicas e a partir da natureza social do ser humano e de sua consciência.

A teoria histórico-cultural busca explicar a visão social pelas mudanças qualitativas das formas especificamente humanas. Para tanto, recorre à Gênese das mediações que propiciam o surgimento de novos modos de existência e possibilidades do seu devir. A vida cotidiana, o conhecimento são as referências, o ponto de partida para a investigação histórica com a pretensão de compreender o passado dos indivíduos e a sociedade que se inserem (DAMAZIO; ROSA, 1994.p.39).

Nessa perspectiva teórica, as oficinas de aprendizagem de matemática para surdos visam a considerar o jovem como alguém que se compreende em sua história social como surdo, usuário de uma língua própria, a Libras; ou como um sujeito que se organiza a partir do visual, que se constitui numa experiência de não audição. Isso tudo implica compreender a configuração diferenciada de suas práticas sociais, isto é, considerar o sujeito surdo completo na sua diferença.

Vigotski (1994) enfatiza que há conceitos que são formados a partir das experiências cotidianas, vividas no universo cultural da criança. Esta, nas relações com os objetos e seres de seu grupo social, vê-se confrontada por situações sobre as quais, inconscientemente, vai construindo conceitos. Tais construções foram chamadas, por Vigotski, de *Conceitos Cotidianos*.

Como referencial auxiliar, fomos buscar na teoria da formação de conceitos ou campos conceituais embasamentos para propor as ações das oficinas de matemática.

Segundo Pais (2011), a teoria dos campos conceituais tem como proposta repensar as condições da aprendizagem conceitual, de forma que essa se torne mais acessível à compreensão do aluno.

Um dos aspectos relevantes desta teoria é o destaque dado ao saber escolar, permitindo uma forma diferenciada de entender os conceitos matemáticos estudados na educação escolar, os quais não são concebidos tal como formalizados no território do saber científico (PAIS, 2011, p.52).

Pais (2011) destaca que, ao enfatizar a função pedagógica das situações problemas, o conhecimento passa a ser considerado como uma sucessão de adaptações que o aluno utiliza sob a influência de situações que ele vivencia na escola e na vida cotidiana. Nesse momento, entram em cena conhecimentos anteriores, como também a capacidade de coordenar e adaptar essas informações em face a uma nova situação.

Dessa forma, o desafio da metodologia da oficina de matemática consiste em estudar estratégias que possam contribuir na formação de conceitos, por meio de experiências e manuseio de materiais manipulativos e também pela vivencia através de passeios de estudos em espaços na comunidade na qual estamos inseridos, pois compreendemos que há necessidade de conhecer um pouco a cultura surda para que possamos propor situações de aprendizagens que venham a fazer sentido para este público.

De acordo com Casarim (2011), as comunidades de surdos não são consideradas somente espaços de lazer e de práticas de esportes, mas se constituem em um espaço de articulação política em busca do reconhecimento da surdez como diferença e, neste movimento, existe a luta pela proposta da materialização da educação bilíngue.

Nessa perspectiva, acreditamos que:

O surdo apresenta uma diferença sociolinguística, ele interage com o mundo a partir de experiências visuais Todas as suas construções mentais ocorrem pelo canal espaço-visual e são mediados pelo instrumento natural de comunicação: a língua de sinais e a língua escrita (CASARIM, 2011, p. 214).

Valorizamos, portanto, o registro das atividades e a manifestação dos sujeitos na Libras, promovendo uma troca de saberes entre surdos e ouvintes, e, dessa forma, acreditamos que exercitamos uma dinâmica interativa na qual todos os que aprendem, ensinam, e todos os que ensinam, aprendem.

Nas atividades socioeducativas, em oficinas de aprendizagem, recorreu-se ao uso de metodologias que explorassem mais os aspectos visuais, diversos materiais de contagem, estruturados ou não, jogos, bem como visitas guiadas na Universidade. A troca de saberes da comunidade surda com os professores e acadêmicos do curso de Matemática tem proporcionado um aprendizado rico, pois tem sido dada a oportunidade de aprender com os participantes surdos algumas expressões na Língua Brasileira de Sinais e um pouco de sua cultura. Além disso, temos sido desafiados a adaptar metodologias para que o ensino da matemática tenha significado para esse grupo.

Acreditamos que, quando se trata de inclusão, a valorização da língua de sinais para os surdos é uma das questões essenciais, além de ser de fundamental importância no processo pedagógico.

1. **Oficinas de português**

É através da linguagem que a criança desenvolve o pensamento e outras relações cognitivas. Quadros (2000) destaca que “a criança surda que estáa passando por um processo de aquisição da linguagem imerge nas relações cognitivas estabelecidas através da língua de sinais para a organização do pensamento, naturalmente passa a registrar as relações de significação que estabelece com o mundo” ( p.11).

De acordo com a autora, a criança surda, no processo de aquisição da linguagem, passa a registrar visualmente as relações que o mundo exterior oferece em sua volta. Tais relações são exploradas pela criança surda de forma que ela vai adquirindo todo um conhecimento referencial e linguístico sobre todas as coisas que estão vinculadas ao seu contexto, seja familiar, escolar ou social. Nesse movimento, a linguagem proporciona à criança a possibilidade de explorar os objetos, estabelecendo um sentido no seu repertório linguístico.

Segundo o Curso de Linguística Geral:

A língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares todos idênticos fossem repartidos entre os indivíduos. Trata-se, pois, de algo que esta em cada um deles, embora seja comum a todas e independa da vontade dos depositários (SAUSSURE, 1995, p.29).

Assim, o docente de surdos deve atentar para uma educação que contemple aspectos essenciais, tais como trabalhar os conteúdos explorando o campo visual da criança surda com recursos visuais, uma vez que ela utiliza de uma língua visual espacial para adquirir o seu conhecimento.

Acredita-se que, para que a criança possa aprender português, é necessário que primeiro conheça sua língua materna. Nesse sentido, o projeto tem como objetivo instrumentalizar e alfabetizar esses alunos surdos tanto na Libras quando no português. Utilizando ambas as línguas como recursos, é possível um melhor aproveitamento na aprendizagem dos alunos. Muitas vezes, os alunos vêm de lares onde seus pais não sabem a língua de sinais, o que dificulta ainda mais o processo de aprendizagem, pois, em casa, esses pais não interagem com os filhos, não estimulam, nem motivam os filhos para que possam crescer e serem autônomos.

Segundo Daniela Nunes Henrique Silva,

O contato precoce do surdo com a língua de sinais é fundamental para constituição do intelecto da criança, ampliando suas relações com o mundo e garantindo seu pertencimento ao seu grupo social e o reconhecimento de sua identidade cultural (2002, p. 52).

De acordo com a autora, a criança surda precisa ter o contato com os surdos adultos, para adquirir, além da língua de sinais, também valores culturais, familiares e sociais que constituem a cultura surda. Nessa perspectiva, a criança surda em contato com este meio tem acesso ao conhecimento e a informações por meio da língua de sinais. A ligação com os adultos surdos também proporciona à criança surda a construção da sua identidade.

Algumas dificuldades podem, contudo, ser encontradas, pois, muitas vezes, os alunos não apresentam apoio da família, uma vez que os pais não sabem Libras e, por conseguinte, em casa não estabelecem comunicação apropriada com os filhos. Para que o português possa ser adquirido, é preciso que o aluno surdo domine a Libras, o que não vem ocorrendo. Portanto, o projeto trabalha com as duas línguas: Libras e português.

Segundo Ahlgren:

Se pais ouvintes estão pensando em sinais e tendo contato social com pessoas surdas e se as crianças surdas podem ter um período com os pais e outro com surdos adultos, então, a língua de sinais pode ser a língua materna das crianças surdas e a segunda língua dos pais ouvintes (1994, P.60).

Dessa maneira, trabalha-se aquisição de português da criança surda sempre estabelecendo relações com os objetos. Assim, é possível proporcionar estímulos em relação à ampliação de vocabulários. Quadros (2000) menciona alguns objetivos a serem trabalhados pelo professor, em sinais, e que de alguma forma auxiliarão na aquisição do português:

* desenvolver o uso de estratégias específicas para resolução de problemas;
* exercitar o uso de jogos de inferências;
* trabalhar com associações;
* desenvolver as habilidades de discriminação visual;
* explorar a comunicação espontânea;
* ampliar constantemente vocabulário
* oferecer constantemente literatura impressa na escrita em sinais;
* proporcionar atividades para envolver a criança no processo de aquisição da linguagem como autora do próprio processo. (p.11)

Contudo, um desafio está em encontrar uma metodologia apropriada para ensinar menores/adultos surdos. Ou seja, realizar o ensino por meio da sua língua materna, através de recursos visuais para a compreensão dos conteúdos trabalhados em aula, tais como os passeios, a literatura, o laboratório, entre outros.

O projeto *Laboratório Bilíngue: aula de Português para surdos*, participante do projeto *Integração da Universidade com a Educação Básica*, ainda está em fase inicial. Os alunos surdos ainda estão no nível da palavra, uma vez que muitos apresentam dificuldade em reconhecer o sinal em Libras ou representá-la na língua materna. Sabemos que somente a partir da aquisição da Libras é que podemos trabalhar com a palavra e com as sílabas em português.

Para que esse processo ocorra, os alunos olham a imagem do objeto, soletram em Libras e logo em seguida escrevem em português. No final, é preciso uma retomada para verificar se o aluno adquiriu a palavra.

O que se percebe é que muitas vezes essa aquisição não ocorre, então, é necessário retomar e recomeçar o processo, pois sabemos que se trata de um processo lento, mas que, com o tempo, é possível verificar resultado e aprendizagem.

A seguir apresentamos algumas atividades elaboradas e aplicadas, em um encontro, na aprendizagem do português:

1ª. Atividade

Vídeo da turma da Mônica – Boas maneiras. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=YHS34tkXdR8>

Assistir, visualizar a intérprete para verificar a história, e após compreender ações e imagens. Em seguida, verificar escrita das palavras dos personagens da Turma da Mônica.

2ª. Atividade

Caça palavras para relembrar os nomes dos personagens.

|  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| M | Ô | N | I | C | A | X | X | B |
| A | A | A | A | A | A | A | A | A |
| C | E | B | O | L | I | N | N | A |
| V | V | M | A | G | A | L | L | V |
| O | O | O | O | O | O | O | O | O |
| C | A | S | C | Ã | O | X | X | X |

3ª. Atividade

Escrita dos nomes em português dos personagens. No quadro: Mônica, Cebolinha, Magali e Cascão. Os alunos tomam nota.

4ª. Atividade

Nomes dos personagens em Libras.

5ª. Atividade

Escrita dos nomes dos personagens em português no caderno.

6º. Atividade

Ditado dos nomes dos personagens em português.

Verificamos, ao longo da atividade, a importância de se trabalhar os nomes em Libras, pois os alunos não conseguiram associar o nome do personagem somente com a interpretação das imagens e com a atividade de caça palavras e, logo após, passar para a escrita em português. Podemos perceber esse acontecimento durante a realização da terceira atividade, quando era esperada a escrita das seguintes palavras: Mônica, Cebolinha, Magali e Cascão, e os alunos apresentaram a seguinte escrita: participante 1: *Moca, Ceolina, Maali, Casco; participante* 2*: Moa, Ceoli, Mali, Cao; participantes* 3 *e* 4*: Mo, Ma, Ca, Mona; participante* 5*: Ceboa, Maga, cascoa; participante* 6*: Monca; Cebona; Mali; Cas*.

Percebemos a dificuldade dos alunos em estabelecer a relação entre a letra e a formação da palavra. Assim, partimos para a escrita da palavra em Libras, o que, acreditamos, é a ação necessária para tal e que é capaz de realmente facilitar o processo.

Após a atividade de escrita em Libras, retomamos a escrita em português, por meio da aplicação da sexta atividade, quando foi possível perceber certa facilidade dos alunos em escrever, pois reapresentaram o seguinte: partipante 1: *Mônica, Cebolinha, Magali, Cascão*; participante 2: *Mónica, Cebolinha, Magali, Cascoã*; participante 3: *Mónica, Cebolinha*, *Magali, Cascão*; participantes 4 e 5: *Monica, Cebolinha, Magali, Cascão*; participante 6: *Mônica, Cebolinha, Magali, Cascão.*

É possível notar, portanto, que nessa atividade os alunos já conseguem memorizar a palavra e passá-la para o português escrito. No entanto, percebemos um pequeno erro do participante 2, pois, além, de se equivocar no acento da palavra Mônica, se equivoca e troca as letras e acento da palavra Cascão, apresentando a escrita “ cascoã”.

O participante 3 também se equivoca com o acento da palavra Mônica, apresentando a escrita “Mónica”. Já os participantes 4 e 5 sequer utilizam o acento, escrevendo “Monica”. Assim, constatou-se que a grande maioria, que no início não conseguia escrever nenhuma das palavras, agora já domina a escrita em nível da palavra.

Nesse sentido, corroboramos com a ideia de Daniela Nunes Henrique Silva (2002), que defende que o contato precoce do surdo com a língua de sinais é fundamental para constituição do intelecto da criança e, consequentemente, para a aquisição da língua portuguesa.

Portanto, ao longo das oficinas, percebeu-se uma grande evolução no processo da escrita da palavra, pois os alunos conseguiram desenvolver as atividades com certa precisão e eficiência para o que fora solicitado, o que vem ao encontro do que acredita Quadros (2000), ou seja, devemos ampliar constantemente vocabulário, trabalhar com associações e proporcionar atividades que envolvam o aluno como autor do próprio processo de aprendizagem.

1. **Resultados das oficinas**

Temos observado, durante a execução das atividades, que a concentração dos alunos surdos perdura por um período curto de tempo, uma vez que dispersam e se agitam com facilidade. Nesse momento, a presença constante dos acadêmicos, que fazem o acompanhamento de todas as atividades, é imprescindível, pois conseguem contornar e chamar a atenção para atividade, conseguindo, por conseguinte, fazer com que os surdos obtenham as suas construções individuais e os registros de cada atividade proposta.

Temos constatado também que esses alunos possuem dificuldades em recordar os assuntos vistos nos encontros anteriores, havendo necessidade de retomar várias vezes o mesmo assunto, de formas diferentes. Após a retomada, eles dizem que sabem fazer a atividade. Para tanto, utilizamos jogos de memória, caça palavras, jogos que simulem compra e venda, vídeos, recorte e colagem, bem como visitas a locais para estudo.

Na área da matemática, os alunos surdos participantes já apresentam domínio de alguns cálculos envolvendo operações com valores menores, com auxílio de material de contagem ou material dourado e conseguem transferir tais conhecimentos para operações como o sistema monetário. Apresentam dificuldades com o sistema decimal e com valores que envolvam a centena e unidade de milhar.

Na área da língua portuguesa, os alunos surdos ainda permanecem no nível da palavra, uma vez que têm muita dificuldade de memorização e necessitam primeiro aprender a palavra em Libras, para depois aprendê-la em português, o que faz com que o processo seja ainda mais lento.

1. **Considerações finais**

Sabemos que a aquisição da matemática e do português por alunos surdos é mais lenta, mas os resultados das oficinas indicam que é possível incluir alunos surdos ao conhecimento com a utilização de métodos de ensino que privilegiem a experiência visual.

Temos observado que os alunos demonstraram a possibilidade de desenvolvimento de conteúdos conceituais, atitudinais e procedimentais, na formulação de conceitos matemáticos, no manuseio do material para realização das atividades práticas e dos jogos e também é possível observar a melhora nas atitudes.

Na parte da linguagem, observa-se, ainda, a necessidade de se trabalhar com a Libras e imagens, uma vez que os alunos têm muita dificuldade em assimilar somente a escrita da palavra. Percebemos que os alunos precisam relacionar imagem, objeto e escrita, sendo essa primeira escrita em Libras, para, somente depois, passá-la para o sinal gráfico da língua portuguesa.

Nessa perspectiva, pondera-se que muitos avanços foram conquistados em 2013, mas muito trabalho ainda está por vir nos anos subsequentes.

**Referências**

AHLGREN, I. **Sign Language as the First Language:** Bilingualism in Deaf Education. Hamburg/Germany: SIGNUM Press, 1994.

ALVES, M. D; GUARESHI, T. Atendimento Educacional Especializado. In: SILUK, Ana Claudia Pavão Siluk (Org.). **Formação de professores para o atendimento educacional especializado** Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2011.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

---------. Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008. Dispõe sobre o atendimento Educacional especializado. Brasília: Diário Oficial da Uniçao, 2008.

CASARIM, M. de Melo. Atendimento às necessidades dos alunos com surdez. In: SILUK, Ana Claudia Pavão Siluk (Org.). **Formação de professores para o atendimento educacional especializado** Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2011.

DAMAZIO, A ; ROSA, J E. da.Educação matemática: *possibilidades de uma tendência histórica-cultural*. In: **Espaço Pedagógico**  Universidade de Passo Fundo, Faculdade de Educação – Vol.1, n. 1 (1994). p. 33 – 53.

QUADROS. M. Ronice. SCHMIEDT. Magali. L.P. **Ideias para ensinar o português para alunos surdos**. Brasília: MEC. SEESP. 2000

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística**. Tradução do Francês de Antonio Chelini, José Paulo Paes e IzidoroBlikstein; 20. Ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SILVA, N. H. Daniela. **Como brincam as crianças surdas**. Plexus. 2002.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

1. Resumo do Pôster apresentado na VII Mostra de Pesquisa e Extensão do ICEG - Instituto de Ciências Exatas e Geociências da Universidade de Passo Fundo, de 18 a 23 de novembro de 2013. [↑](#footnote-ref-1)
2. Bolsista Paidex do Projeto de Extensão Integração da Universidade com a Educação Básica, acadêmica do curso de Letras, IFCH, UPF. [↑](#footnote-ref-2)
3. Colaborador docente do Projeto Integração da Universidade com a Educação Básica – Oficina de Português para surdos, IFCH, UPF. [↑](#footnote-ref-3)
4. Colaborador docente do Projeto Integração da Universidade com a Educação Básica – Oficina de Matemática para surdos, ICEG,UPF. [↑](#footnote-ref-4)
5. Bolsista Paidex do Projeto de Extensão Integração da Universidade com a Educação Básica, aluna da Especialização em Educação Matemática, ICEG, UPF. [↑](#footnote-ref-5)